Motivações para a Parentalidade em Futuros Pais Adotivos e Futuros Pais Biológicos

Cátia Filipa Domingues Andrade

Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica – Terapias Cognitivo-Comportamentais

Orientadora: Professora Doutora Ana Galhardo, ISMT

Coimbra, Setembro de 2016

Agradecimentos

Ao aproximar-se o final de mais um ciclo da minha vida pessoal, académica e profissional, torna-se relevante agradecer a quem, de alguma forma, contribuiu para que tal fosse possível.

Em primeiro lugar, agradeço à minha orientadora Professora Doutora Ana Galhardo pelo profissionalismo exímio, partilha de conhecimentos e disponibilidade com os quais me brindou.

Em segundo lugar, agradeço ao ISCTE por me ter permitido adquirir as bases científicas necessárias para ingressar nesta etapa e também ao ISMT por me ter facultado novos conhecimentos e por me preparar para a prática clínica.

Agradeço também aos participantes desta investigação e às associações que me auxiliaram na divulgação do estudo pois sem eles esta Dissertação não teria sido possível.

Um agradecimento muito especial à minha colega Cristiana Marques por toda a ajuda prestada, paciência e cooperação durante todo o processo de desenvolvimento da Dissertação.

Não poderia deixar de agradecer ainda à Dª Manuela Duarte e ao Sr. Carlos Santos por me acolherem como se fosse da família e facultarem um ambiente propício ao desenvolvimento deste projeto. À minha madrinha, Mafalda Saltão, por toda a força e apoio que me deu nos momentos de desânimo. À Vanessa Barroso, Mara Chora, Andreia Antunes e Sofia Oliveira pela amizade, conselhos, paciência e partilha de opiniões que em tanto contribuem para a minha lucidez e paz de espírito.

Um agradecimento muito especial aos meus pais pelo apoio incondicional nesta que foi uma fase também ela difícil da minha vida. Por acreditarem nas minhas capacidades, por "estarem perto, mesmo estando longe" e por compreenderem a necessidade dessa minha ausência.

Agradecer ainda ao meu namorado, João Santos, por todo o apoio, carinho, paciência e compreensão ao longo deste processo. Por segurar o meu Mundo quando, por vezes, eu mesma tinha vontade de o deixar cair.

Por fim mas não menos importante, agradecer à minha avó, Maria José Domingues, por sempre ter sido capaz de se colocar no meu lugar. Por celebrar comigo as minhas vitórias e chorar comigo nos momentos de angústia. Por ser a minha força e a minha motivação. O Alzheimer pode tirar-lhe a capacidade de se recordar de algumas coisas, mas não a impede de sentir com todo o seu coração.

Resumo

Introdução: A parentalidade é um dos desejos mais universais da população adulta. No entanto, nem todas as pessoas conseguem alcançar a gravidez de forma espontânea, pelo que são conduzidas à reconstrução de significados acerca da parentalidade e à procura de soluções alternativas para a concretização desse desejo, afigurando-se a adoção como uma das possibilidades. Ainda que as motivações para a parentalidade tenham sido alvo de estudos internacionais, em Portugal os estudos são ainda escassos, nomeadamente no que diz respeito às motivações para a parentalidade adotiva.

Objetivos: A presente investigação pretendeu explorar e sistematizar as motivações para a parentalidade de indivíduos candidatos à adoção, comparando-as com as motivações de indivíduos que se encontram num processo de concretização da parentalidade biológica. Pretendeu-se ainda verificar se no período de espera gestacional e no período avaliativo de espera dos candidatos à adoção se estes diferem no que diz respeito aos sintomas emocionais negativos experienciados.

Metodologia: Estudo exploratório numa amostra de 73 futuros pais, 41 dos quais em situação de futura parentalidade biológica e 32 em situação de futura parentalidade adotiva. Os participantes preencheram um conjunto de questionários destinados a avaliar as motivações para a parentalidade e os sintomas emocionais negativos numa plataforma *online*

Resultados: Através dos dados obtidos verificou-se que, ao nível das motivações positivas, quer a amostra total, quer os dois grupos analisados, consideraram que as gratificações intrínsecas inerentes a ter um filho são a motivação mais importante para a parentalidade (i.e. *Realização Pessoal*). No que diz respeito às motivações negativas, a generalidade dos participantes demonstrou valorizar mais a motivação *Preocupações Sociais e Ecológicas*. Relativamente aos sintomas emocionais negativos os dois grupos não diferiram.

Discussão: A parentalidade tem sido cada vez menos considerada como um dever perante a sociedade e mais frequentemente como uma forma de preenchimento pessoal e extensão do próprio. Verificou-se também que, tal como em outros estudos, o contexto de insegurança social e ambiental atual exerceu impacto no ponto de vista parental. No que diz respeito aos sintomas emocionais negativos, não se observaram diferenças entre os dois grupos em análise, contrariamente ao que é reportado na literatura, mas que sugere que estes períodos de espera podem ser semelhantes no que respeita ao evidenciar de sintomas de ansiedade, depressão e stresse.

Palavras-chave: motivações para a parentalidade; parentalidade adotiva; parentalidade biológica; sintomas emocionais negativos.

Abstract

Introduction: Parenthood is one of the most universal adults' desires. However, not all people can achieve pregnancy spontaneously and therefore have to reconstruct their representations about parenting and pursuing alternative solutions to achieve this desire, being adoption one of these possibilities. Although parenthood motivations have been addressed, mainly in international studies, in Portugal and particularly regarding adoption parenthood motives, research is scant. .

Objectives: This study sought out to explore and systematize parenthood motivations in people pursuing adoption, comparing them with the motivations of people who are in the process of becoming biological parents. Additionally differences concerning negative emotional symptoms between these two groups of intended parents were explored.

Methods: This exploratory study included a sample of 73 future parents, 41 of which in a situation of future biological parenthood and 32 in future adoptive parenthood situation. Participants completed a set of self-report questionnaires assessing parenthood motivations and negative emotional symptoms on an online platform.

Results: Regarding positive parenthood motivations, both the total sample and the two groups consider that intrinsic rewards inherent to having a child are the most important motivation for parenthood (i.e. *Personal Fulfilment*). Regarding the negative motivations, the majority of participants valued *Social and Ecological Concerns* motives. No significant differences were found between the groups concerning negative emotional symptoms.

Discussion: Parenting has been less and less regarded as a society duty and more often as a means of personal fulfilment and extension of oneself. It was also found that, like in other studies, the current social and environmental insecurity context had impact on parental standpoint. Concerning negative emotional symptoms, the inexistence of differences between adoption and biological future parents suggests that these period of time may be similar when it comes to anxiety, depression and stress symptoms.

Key-words: parenthood motivations, adoptive parenthood, biological parenthood, negative emotional symptoms.

Introdução

No ciclo de vida de uma família, um dos acontecimentos mais expectáveis é a chegada dos filhos (Valério, 2013). O ser humano anseia pela descendência (Galhardo, 2012), constituindo-se a parentalidade como um dos desejos mais universais da população adulta (Boivin, Bunting, Collins, & Nigren, 2007).

A parentalidade e o desenvolvimento que lhe está inerente têm início no período da gravidez, ou até mesmo antes, quando o indivíduo pondera a possibilidade de tornar-se pai/mãe. Na prática, resulta de um processo de maturação que conduz a uma reorganização a nível psicológico e afetivo, para que o indivíduo se torne capaz de dar resposta às necessidades emocionais e práticas dos filhos, proporcionando-lhes um contexto seguro, promotor do seu bem-estar e desenvolvimento (Figueiredo, 2013). Este processo é considerado como uma das tarefas mais desafiantes da idade adulta, na medida em que está associado a profundas mudanças conjugais, familiares e sociais (Holden, 2010), bem como a uma reorganização qualitativa do *self* e do comportamento (Cowen, 1991). Ainda assim, tem também sido referido na literatura como um processo bastante satisfatório e compensador (Ferreira, Monteiro, Fernandes, Cardoso, Veríssimo & Santos, 2014).

O estudo das motivações para a parentalidade teve início com pesquisas acerca do valor das crianças, focando-se na análise dos custos (Fawcett, 1983) e benefícios (Hoffman & Hoffman, 1973) que estas acarretavam para os pais. Atualmente, porém, os estudos têm tido por base um modelo multidimensional, analisando as motivações positivas e negativas que se traduzem em traços psicológicos ou disposições latentes para percecionar a paternidade/maternidade de forma favorável ou desfavorável (Miller, 1995; Guedes, Pereira, Pires, Carvalho & Canavarro, 2015). Esta nova abordagem ao estudo das motivações para a parentalidade parte do pressuposto de que as disposições latentes a favor ou contra tornar-se pai/mãe conduzem a comportamentos diferenciados nos sujeitos, sendo que uns irão manifestar esforços no sentido de alcançar a parentalidade e os outros irão esforçar-se no sentido de a prevenir (Miller & Pasta, 2002). A investigação tem identificado motivações bastante diferenciadas, quer a nível positivo, quer a nível negativo. No entanto, ao contrário do que seria expectável, as motivações manifestadas pela generalidade dos indivíduos não são opostas, mas antes complementares (Miller, 1995; Guedes et al., 2015).

Embora alguns casais, pelos mais diversos motivos, decidam não ter filhos, estes são uma minoria. O desejo pela parentalidade continua a ser comum na maioria das famílias. No entanto, diversos eventos disruptivos podem marcar a trajetória de vida dos indivíduos (Valério, 2013). Nem todas as pessoas conseguem alcançar a gravidez de forma espontânea (Boivin et al., 2007), umas porque não encontram alguém que considerem compatível para a realização desse projeto, outras porque preferem investir inicialmente na formação e vão adiando o plano da reprodução até idades em que a probabilidade de ocorrência de infertilidade é exponencialmente maior (Nouri, Huber, Walch, Promberger, Buerkle, Ott & Tempfer, 2014; Lampic, Svanberg, Karlstrom & Tydén, 2006). Alguns autores verificaram que a infertilidade está associada a problemas de baixa auto-estima, ansiedade, depressão, imagem corporal distorcida, ressentimentos para com o parceiro (Brodzinsky, Lang & Smith, 1995), diminuição do interesse sexual, desestruturação da relação do casal e perda de intimidade conjugal (Gasparini, 2006). Neste âmbito, Brodzinsky et. al. (1995) ressalvou que, caso os indivíduos não sejam capazes de lidar com estes problemas inerentes à sua condição infértil, a relação do casal poderá ficar ameaçada, bem como a sua capacidade para estabelecer um ambiente propício ao desenvolvimento de uma relação pais-filhos adequada. Valério (2013), por sua vez, chamou a atenção para o facto de a ruptura provocada pela infertilidade não ser apenas de natureza biológica mas sobretudo de natureza cultural, na medida em que simboliza uma quebra na expectativa que a sociedade tem acerca da procriação. Assim, a inexistência involuntária de filhos ameaça a estabilidade dos indivíduos e dos seus relacionamentos (Galhardo, 2012) e leva-os à reconstrução de significados acerca da paternidade. Quando o desejo de ser pai/mãe encontra um obstáculo à sua concretização, as famílias tendem a procurar soluções alternativas para o alcançar, passando a adoção a configurar-se como uma das opções para fazer face a essa realidade (Diniz, 1993; Valério, 2013).

A adoção transcende todas as culturas e existe há muitos séculos, tendo desempenhado diferentes funções ao longo da história (Salvaterra & Veríssimo, 2008; Houaiss, 2001). Em Portugal, o abandono de crianças foi uma realidade expressiva durante muito tempo, em grande parte para ocultar a maternidade devido a razões morais e sociais, essencialmente das mulheres de classe alta. Esta prática conduziu à publicação da Carta Régia, em 1543, que atribuiu à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa a função de recolher, proteger e criar as crianças abandonadas. A Roda dos Expostos, local onde até então eram entregues os *enjeitados*, foi extinta em 1870, incentivando-se as famílias, através da

concessão de subsídios, a acolherem as crianças outrora abandonas (Lopes, 2002). Ainda assim, só após a I e II Guerras Mundiais, e devido ao grande número de órfãos que provocaram em todo o Mundo, a adoção foi introduzida de forma ligeira no regime jurídico português, através do Código Civil de 1966 (Decreto-Lei n.º 47344/66, de 25 de Novembro) e de forma mais assumida na reforma de 1977 (Decreto-Lei n.º 496/77, de 25 de Novembro). Visando inicialmente sobretudo os interesses dos adultos, a adoção foi-se tornando cada vez mais um instituto da criança, promovendo os seus interesses e direitos. Assim, de entre as inúmeras revisões à lei da adoção, destaca-se o Decreto-Lei n.º 120/98, de 8 de Maio, que visou reforçar na lei o superior interesse das crianças e a responsabilidade que a comunidade tem para com os menores desprovidos de meio familiar normal (Salvaterra & Veríssimo, 2008).

O processo de adoção surge nos dias de hoje como uma das formas de proteção à infância, facultando às crianças um ambiente que lhes proporcionará a possibilidade de um desenvolvimento mais adequado e adaptativo (Diniz, 1993), ao permitir que uma pessoa ou casal crie com elas um vínculo de filiação (Instituto da Segurança Social, 2016). Visando realizar os objetivos supracitados, a adoção é decretada quando, após um período de avaliação da capacidade de criação de laços afetivos entre as partes envolvidas no processo, se verifica que é razoável supor que entre o adotando e o adotante se estabelecerá um vínculo semelhante ao da filiação biológica (Lei N.º 31/2003). Neste contexto, é possível concluir que uma adoção bem-sucedida será aquela que for de encontro às necessidades do menor e, preferencialmente, também de encontro às necessidades e desejos da família adotiva (Salvaterra & Veríssimo, 2008).

Muitas têm sido as motivações identificadas pela literatura para a prática da adoção na atualidade: a idealização de uma família, o desejo ser pai/mãe, a vontade de ajudar uma criança (Gondim, Crispim, Fernandes, Rosendo, Brito, Oliveira & Nakano, 2008), a morte anterior de um filho, o desejo de ter filhos quando já se ultrapassou a idade em que isso é biologicamente viável, o desejo de ter filhos sem ter de passar pelo processo de gravidez, a falta de um companheiro (Levinzon, 2004), o desejo de ter companhia na velhice, o medo da solidão, o preenchimento de um vazio existencial, a tentativa de salvar um casamento, a possibilidade de escolher o sexo da criança (Schettini, 1998a) e, sobretudo, a infertilidade de um ou de ambos os elementos do casal (Gondim et al., 2008; Levinzon, 2004; Maldonado, 1997; Paiva, 2004; Reppold & Hutz, 2003; Weber, 1999; Salvaterra & Valério, 2008).

A decisão de recorrer à adoção decorre necessariamente de uma rede complexa de construção de significados que integra a cultura pessoal e a cultura coletiva a que o indivíduo está sujeito (Valério, 2013). Inicialmente possuía finalidades religiosas, políticas e económicas, contudo, na atualidade assume um caráter mais social e humano (Oliveira & Próchno, 2010), considerando Ebrahim (2001) que a difusão da cultura da adoção tem como objetivo proporcionar um lar às crianças que não o têm. No entanto, Weber (2002) afirma que esse não tem sido o principal objetivo desta prática por ter como base as necessidades das famílias adotivas, o que é corroborado por Salvaterra & Veríssimo (2008). Este refere que, embora as famílias tentem associar uma motivação social e altruísta ao ato da adoção, tal se afigura sobretudo como uma solução para as suas próprias necessidades. Também Riley e Van Vleet (2012) afirmam que a adoção está envolta em crenças sociais e culturais e transações económicas e realidades políticas.

Ainda assim, a adoção pode ser considerada como uma nova forma de família, uma vez que proporciona aos seus membros proteção, companhia, segurança e socialização (Fonte, 2004). A parentalidade, como já foi possível perceber, consiste num processo complexo e desafiante, mais ainda no caso quando se fala de parentalidade adotiva, uma vez que pressupõe uma diversidade de tarefas acrescidas (Gondim et al., 2008; Miall, 1987; Vieira, 2010), tais como lidar com a incerteza do tempo que demora o processo de adoção, conviver com o estigma social que lhe está associado (Brodzinsky et al., 1995) e a necessidade de justificar a sua decisão perante a família alargada e os amigos (Singer, Brodzinsky, Ramsay, Steir & Waters, 1985). Segundo Barbosa (2010), a parentalidade adotiva implica um maior nível de determinação para ser pai/mãe. A mesma autora referiu ainda que os candidatos à adoção possuem expectativas mais positivas relativamente à parentalidade e uma maior facilidade de adaptação. Santos (1988) seguiu o mesmo raciocínio ao afirmar que os pais adotivos atingem um nível superior de determinação, quando comparados com os pais biológicos, na medida em que necessitam de se expor a um processo exaustivo para que esse projeto se possa concretizar, enquanto os pais biológicos podem tornar-se pais sem terem sequer refletido muito sobre a questão da parentalidade. Importa ainda referir que é importante ter em consideração o facto de período de gestação oferecer uma oportunidade para se ir constituindo a identidade parental e construindo um vínculo de filiação com o bebé gerado no ventre. No caso da adoção, a constituição da identidade parental ocorre através de uma gestação psicológica que, muitas vezes é abalada pelas dificuldades, preconceitos e falta de acompanhamento psicológico ao longo do processo (Woodward, 2000).

Berthoud (1997), Maldonado (1997) e Paiva (2004) concluem nos seus estudos que ser bons ou maus pais depende essencialmente da motivação que leva os indivíduos a procurar a parentalidade e não o facto de serem pais biológicos ou adotivos. Neste contexto, todas as motivações são aceitáveis, desde que tenham por base a parentalidade a as suas obrigações, colocando sempre as necessidades da criança à frente das necessidades do adulto (Palacios 2010).

Embora exista internacionalmente alguma literatura acerca da temática das motivações para a parentalidade, em Portugal os estudos são ainda escassos. A juntar ao facto de, no nosso país, as motivações não terem ainda sido muito observadas a nível multidimensional (i.e. diferenciando e comparando as motivações positivas com as motivações negativas), poucos são os estudos que comparam as populações adotiva a biológica nestas dimensões. Também no que diz respeito aos sintomas emocionais negativos a literatura tem apresentado limitações, nomeadamente na análise e comparação destes dois grupos amostrais. Afigurou-se assim pertinente explorar as motivações para a parentalidade em candidatos à adoção e compará-las com as motivações dos futuros pais biológicos. Procurou-se ainda verificar se existem diferenças entre estes dois grupos durante o período de espera gestacional e o período avaliativo de espera dos candidatos, no que diz respeito aos sintomas emocionais negativos experienciados.

Material e Métodos

Participantes

A amostra do presente estudo é constituída por 73 futuros pais, 41 dos quais em situação de futura parentalidade biológica (56,2%) e 32 em situação de futura parentalidade adotiva (43,8%).

A maioria dos indivíduos de ambos os grupos pertence ao sexo feminino, evidenciando-se 95,1% (n = 39) no grupo dos futuros pais biológicos e 81,3% (n = 26) no grupo dos futuros pais adotivos.

A Tabela 1 apresenta as características sociodemográficas dos participantes. As idades destes variam entre os 19 e os 40 anos no grupo da parentalidade biológica (M = 30,22, DP = 6,044) e entre os 27 e os 53 anos no grupo da parentalidade adotiva (M = 38,53, DP = 5,946).

No que diz respeito aos anos de escolaridade verificou-se que os futuros pais biológicos estudaram entre 7 e 19 anos (*M* = 14, *DP* = 6,044) e os futuros pais adotivos entre 10 e 22 anos (*M* = 15,38, *DP* = 2,612).

Quanto à situação profissional, 73,2% dos futuros pais biológicos estão empregados (*n* = 30), face a 96,9% futuros pais adotivos profissionalmente ativos (*n* = 31).

Relativamente ao estado civil, no grupo da parentalidade biológica registaram-se 6 participantes solteiros (14,6%), 19 casados (46,3%), 14 em união de facto (34,1%) e 2 divorciados (4,9%). O grupo da parentalidade adotiva incluiu 2 participantes solteiros (6,3%), 23 casados (71,9%), 6 em união de facto (18,8%) e 1 divorciado (3,1%). Verificou-se ainda que, relativamente aos participantes que possuem cônjuge (33 no grupo dos futuros pais biológicos e 29 no grupo dos futuros pais adotivos), a duração média dos seus casamentos/uniões de facto é de 6,64 e 9,55 anos, respetivamente.

No que diz respeito a experiências prévias de parentalidade, 24 futuros pais biológicos revelaram já ter filhos biológicos (58,5%) e 7 revelaram ter filhos adotivos (21,9%). Do grupo dos futuros pais adotivos, 2 revelaram já ter filhos biológicos (4,9%) e 4 revelaram ter filhos adotivos (12,5%).

Tabela 1

Características Sociodemográficas

	N	***%***
Sexo		
Parentalidade Biológica		
Feminino	39	95,1
Masculino	2	4,9
Parentalidade Adotiva		
Feminino	26	81,3
Masculino	6	18,8
	M (DP)	**Variação**
Idade		
Parentalidade Biológica	30,22 (6,044)	19-40
Parentalidade Adotiva	38,53 (5,946)	27-53
Anos de Escolaridade		
Parentalidade Biológica	14,00 (3,066)	7-19
Parentalidade Adotiva	15,38 (2,612)	10-22
	N	***%***
Situação Profissional		
Parentalidade Biológica		
Empregado	30	73,2
Desempregado	11	26,8
Parentalidade Adotiva		
Empregado	31	96,9
Desempregado	1	3,1
Estado Civil		
Parentalidade Biológica		
Solteiro(a)	6	14,6
Casado(a)	19	46,3
União de facto	14	34,1
Divorciado(a)	2	4,9
Parentalidade Adotiva		
Solteiro(a)	2	6,3
Casado(a)	23	71,9
União de facto	6	18,8
Divorciado(a)	1	3,1

No grupo da parentalidade biológica, 9,8% participantes revelaram ter realizado anteriormente tratamentos médicos para a infertilidade (n = 4) e 7,3% revelaram que a gravidez atual resultou de tratamentos médicos para engravidar (n = 3). No grupo da parentalidade adotiva, 59,4% dos participantes revelaram possuir diagnóstico prévio de

infertilidade (*n* = 19) e 43,8% revelaram ter realizado anteriormente tratamentos médicos para a infertilidade (*n* = 14).

Instrumentos

A seleção dos instrumentos de avaliação bem como a seleção das perguntas a incluir no questionário sociodemográfico foram realizadas de acordo com os objetivos estabelecidos para esta investigação. Deste modo, foram utilizados um Questionário Sociodemográfico, as Escalas de Ansiedade, Depressão e Stress (EADS-21) e a Escala de Motivações para a Parentalidade (EMP).

- ***Questionário Sociodemográfico*** – O Questionário Sociodemográfico, com o objetivo de recolher dados para uma caracterização detalhada da amostra, incluiu questões acerca do sexo dos participantes, idade, habilitações académicas, situação profissional, estado civil, existência de filhos biológicos ou adotivos, existência de diagnóstico prévio de infertilidade e tratamentos médicos para a infertilidade, tempo de gestação (no caso da versão do questionário para gestantes e/ou cônjuges) e tempo de candidatura à adoção (no caso da versão do questionário para candidatos à adoção).

- ***Escala de Ansiedade, Depressão e Stress (EADS-21)* –** A primeira adaptação da Depression, Anxiety Stress Scales (DASS) para a população portuguesa foi aferida por Baptista, Santos, Silva e Batista, em 1999, tendo sido mantidos os 42 itens originais elaborados por Lovibond e Lovibond, em 1995, e foi denominada de EADS-42 (Baptista, Santos, Silva, & Batista, 1999, cit. in Pais-Ribeiro, Honrado, & Leal, 2004). Posteriormente, foi elaborada a EADS-21, uma versão mais reduzida das escalas, que teve como principal objetivo evitar sobrecarregar os sujeitos aquando do preenchimento da mesma (Pais-Ribeiro et al., 2004). Ainda assim, esta segunda adaptação seguiu com rigor todos os critérios metodológicos da versão original, consistindo numa operacionalização do modelo tripartido de Clark e Watson (Pais-Ribeiro et al., 2004).

A EADS-21 é um instrumento de autorresposta, administrável a indivíduos com mais de 17 anos e inclui 21 itens que se distribuem equitativamente pelas escalas *Ansiedade* (itens 2, 4, 19, 7, 9, 15 e 20), *Depressão* (itens 13, 10, 21, 17, 3, 16 e 5) e *Stress* (itens 1, 12, 8, 18, 6, 11 e 14), através de afirmações que remetem para sintomas emocionais negativos (Pais-Ribeiro et al., 2004).

Partindo da premissa de que as perturbações psicopatológicas são dimensionais e não categóricas, a EADS considera que os diferenciais a nível de *Ansiedade, Depressão* e *Stress* de um sujeito são mensuráveis em grau, motivo pelo qual a sua avaliação consiste

numa escala de tipo Likert com 4 possibilidades de resposta, de acordo com a gravidade e/ou frequência (0- "não se aplicou nada a mim"; 1-"aplicou-se a mim algumas vezes"; 2- "aplicou-se a mim muitas vezes"; 3- "aplicou-se a mim a maior parte das vezes"), às quais o sujeito deve responder tendo em conta a "semana passada" (Pais-Ribeiro et al., 2004).

O instrumento fornece três resultados, um por cada escala, que se obtêm através da soma dos resultados dos 7 itens de cada escala. Os resultados podem variar entre 0 (mínimo) e 21 (máximo) e, quanto maior for o resultado de cada escala, maiores os níveis de A*nsiedade*, *Depressão* e S*tress*, respetivamente. Este instrumento permite a diferenciação entre *Ansiedade*, *Depressão e Stress*, pelo que é um instrumento útil, tanto para a investigação, quanto para a prática clínica, uma vez que é capaz de analisar a dinâmica entre as perturbações emocionais e as exigências do meio (Pais-Ribeiro et al., 2004).

A versão original das escalas apresentou uma boa consistência interna, com Alfas de Cronbach de α=0.94 para a escala *Depressão*, α=0.87 para a escala *Ansiedade* e α=0.91 para a escala *Stress* (Lovibond, & Lovibond, 1995, cit. in Pais-Ribeiro et al., 2004). A versão portuguesa reduzida, *EADS-21*, também demonstrou uma boa consistência interna, com Alfas de Cronbach de α=0.85 para a escala *Depressão*, α=0.74 para a escala *Ansiedade* e α=0.81 para a escala *Stress* (Pais-Ribeiro et al., 2004).

No presente estudo foram obtidos os seguintes valores de consistência interna, medida através do Alfa de Cronbach: α=0.71 para a escala *Depresão*, α=0.81 para a escala *Ansiedade* e α=0.86 para a escala *Stress.*

***- Escala de Motivações para a Parentalidade (EMP)* –** A Escala de Motivações para a Parentalidade (EMP), de Guedes, Pereira, Pires, Carvalho e Canavarro (2015) é um instrumento de autorrelato que tem como objetivo avaliar tanto as motivações positivas, quanto as motivações negativas para a parentalidade (Guedes et al., 2015).

Esta escala é composta por um total de 47 itens, distribuídos por duas subescalas: *Motivações Positivas Para a Parentalidade* (26 itens) e *Motivações Negativas Para a Parentalidade* (21 itens). Os itens da subescala *Motivações Positivas Para a Parentalidade* (MPP) distribuem-se por 4 dimensões, denominadas de *Aspetos Socioeconómicos* (8 itens); *Realização Pessoal* (8 itens); *Continuidade Pessoal* (6 itens); *Relacionamento Conjugal* (4 itens). Os itens da subescala *Motivações Negativas Para a Parentalidade* (MNP), por sua vez, distribuem-se por 5 dimensões, denominadas de

Encargos e Imaturidade Parental (6 itens); *Preocupações Sociais e Ecológicas* (4 itens); *Tensão Conjugal* (4 itens), *Problemas Financeiros* (4 itens); *Sofrimento Físico e Imagem Corporal* (3 itens) (Guedes et al., 2015).

Ao sujeito pede-se que, a cada uma das razões apresentadas como favoráveis (escala MPP) e desfavoráveis (escala MNP) para se tornar pai ou mãe, responda de acordo com a importância que atribui a cada afirmação, através de uma escala de tipo Likert, com 5 possibilidades de resposta (1- "Nada"; 2-"Pouco", 3- "Moderadamente"; 4- "Muito"; 5- "Completamente") (Guedes et al., 2015).

O estudo psicométrico de Guedes e colaboradores (2015) apresentou uma boa consistência interna, tanto para as *Motivações Positivas Para a Parentalidade*, quanto para as *Motivações Negativas Para a Parentalidade* (Guedes et al., 2015).

A análise da consistência interna das duas subescalas na nossa amostra revelou um Alfa de Cronbach de α=0.89 na escala de Motivações Positivas para a Parentalidade e α=0.95 na escala de Motivações Negativas para a Parentalidade.

Procedimentos

De modo a proceder à recolha de dados respeitante à amostra, revelou-se necessário contactar com instituições ligadas à temática em estudo. Neste sentido, foi estabelecido um contacto formal via *e-mail* com a Associação Bem Me Queres, Associação Portuguesa de Fertilidade (APFertilidade) e Fórum PinkBlue no qual foi exposto o âmbito da investigação, os objetivos e procedimentos inerentes, com o objetivo de solicitar a colaboração no processo de divulgação do estudo. Nos *e-mails* enviados esclareceu-se o âmbito da investigação, os objetivos e os procedimentos inerentes, sendo solicitada a colaboração destas entidades no processo de divulgação do estudo (Apêndices 1, 2 e 3). Após resposta favorável por parte das entidades supracitadas procedeu-se à divulgação do estudo através das suas páginas *web* e rede social *Facebook*, tendo sido disponibilizado o *link* de acesso à plataforma *Google Forms*. Uma vez acedida a plataforma foram expostos aos participantes os objetivos do estudo e as finalidades da investigação, sublinhando a confidencialidade e anonimato das suas respostas. Foi ainda solicitado o seu consentimento informado enquanto condição necessária para proceder ao preenchimento dos instrumentos de autorresposta selecionados. Assim, após o consentimento, foi requerido o preenchimento de um breve questionário sociodemográfico, bem como da Escala de Ansiedade, Depressão e Stress (EADS-21) e

da Escala de Motivações para a Parentalidade (EMP), cuja utilização foi solicitada previamente aos seus respetivos autores (Apêndice 4).

Análise Estatística

A análise estatística realizou-se com recurso ao programa informático *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) versão 23*.

Para a descrição da amostra realizaram-se análises descritivas, procedendo-se ao cálculo das médias, desvios-padrão e valores mínimos e máximos para as variáveis contínuas, bem como à obtenção de frequências e percentagens para as variáveis categoriais. Recorreu-se ainda ao teste T-Student para amostras independentes para apurar as principais diferenças entre as variáveis sociodemográficas nos grupos da parentalidade biológica e da parentalidade adotiva.

Analisou-se as médias e desvios-padrão das diferentes subescalas da Escala de Stress, Ansiedade e Depressão e da Escala de Motivações para a Parentalidade. Para a comparação entre grupos utilizou-se novamente o teste T-Student para amostras independentes.

Procedeu-se à avaliação da Assimetria (*Skweness*) e do Achatamento (*Kurtosis*) para analisar a normalidade da distribuição, não tendo sido observadas violações severas à distribuição normal, ou seja, |SK| > 3 e de |Ku| > 10 (Marôco, 2011).

Procedeu-se ainda à análise de correlações de Pearson para averiguar a existência de associações estatisticamente significativa entre as diferentes variáveis em estudo.

Em todas as análises realizadas utilizou-se um intervalo de confiança de 95%.

Resultados

No que diz respeito às Motivações Positivas para a Parentalidade (Tabela 2), a amostra total demonstrou considerar que a *Realização Pessoal* é a motivação mais importante, tendo-se registado uma média de 3,96 associada a um desvio-padrão de 0,59. As motivações *Continuidade Pessoal* (*M* = 3,58; *DP* = 0,78) e *Relacionamento Conjugal* (*M* = 3,58; *DP* = 0,99) surgiram como as segundas motivações mais expressivas. Consequentemente, a motivação *Aspetos Socioeconómicos* foi a menos valorizada pela generalidade dos futuros pais. Tendo em conta os resultados em função do tipo de parentalidade, foi possível verificar que a *Realização Pessoal* foi a motivação mais valorizada, tanto pelos futuros pais biológicos (*M* = 4,07; *DP* = 0,58), quanto pelos

futuros pais adotivos (*M* = 3,82; *DP* = 0,59). Por sua vez, a segunda motivação mais valorizada diferiu entre os grupos, sendo que os futuros pais biológicos realçaram a motivação *Relacionamento Conjugal* (*M* = 3,74; *DP* = 0,92) e os futuros pais adotivos realçaram a motivação *Continuidade Pessoal* (*M* = 3,69; *DP* = 0,70). A motivação menos considerada pela amostra total (*M* = 2,08; *DP* = 0,84) e em ambos os grupos foi *Aspetos Socioeconómicos* com média de 2,16 associada a um desvio-padrão de 0,96 e média de 1,98 associada a um desvio-padrão de 0,66 registadas nos grupos de futuros pais biológicos e futuros pais adotivos, respetivamente. Não se observaram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos em nenhuma das Motivações Positivas para a Parentalidade ($p > 0,05$).

No que diz respeito às Motivações Negativas para a Parentalidade (Tabela 2), a amostra total demonstrou considerar que *Preocupações Sociais e Ecológicas* é a motivação mais valorizada, com média de 3,22 associada a um desvio-padrão de 1,04. Esta manteve-se igualmente como a motivação mais importante para ambos os grupos, com média de 3,40 associada a um desvio-padrão de 1,06 no grupo de futuros pais biológicos e média de 3,00 associada a um desvio-padrão de 0,98 no grupo de futuros pais adotivos. *Encargos e Imaturidade Parental* surgiu como a segunda motivação desfavorável mais considerada pela amostra total (*M* = 2,55; *DP* = 0,98), bem como pelos futuros pais adotivos (*M* = 2,40; *DP* = 0,85). No entanto, o mesmo não se verificou com os futuros pais biológicos, os quais consideraram que a segunda motivação mais desfavorável à parentalidade seria *Problemas Financeiros* (*M* = 2,74; *DP* = 1,12). As motivações negativas menos valorizadas pelos futuros pais biológicos e adotivos foram *Sofrimento Físico e Imagem Corporal* (*M* = 2,63; *DP* = 1,14 e *M* = 1,36; *DP* = 0,58, respetivamente) e *Tensão Conjugal* (*M* = 2,48; *DP* = 0,99 e *M* = 1,83; *DP* = 0,85, respetivamente). Observaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os grupos nas motivações *Tensão Conjugal* ($p = 0,004$), *Problemas Financeiros* ($p = 0,002$) e *Sofrimento Físico e Imagem Corporal* ($p < 0,001$), com os futuros pais biológicos a evidenciarem valores mais elevados nas três motivações consideradas.

Tabela 2

Médias, desvios-padrão e comparações entre os grupos relativamente às Motivações para a Parentalidade

	Total	Tipo de Parentalidade			
		Biológica	Adotiva		
Motivações para a Parentalidade	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***	***t***	***p***
Motivações Positivas					
Aspetos Socioeconómicos	2,08 (0,84)	2,16 (0,96)	1,98 (0,66)	0,93	0,356
Realização Pessoal	3,96 (0,59)	4,07 (0,58)	3,82 (0,59)	1,84	0,071
Continuidade Pessoal	3,58 (0,78)	3,50 (0,83)	3,69 (0,70)	-1,04	0,300
Relacionamento Conjugal	3,58 (0,99)	3,74 (0,92)	3,37 (1,05)	1,63	0,109
Motivações Negativas					
Encargos e Imaturidade Parental	2,55 (0,98)	2,67 (1,07)	2,40 (0,85)	1,17	0,248
Preocupações Sociais e Ecológicas	3,22 (1,04)	3,40 (1,06)	3,00 (0,98)	1,64	0,106
Tensão Conjugal					
Problemas Financeiros	2,20 (0,98)	2,48 (0,99)	1,83 (0,85)	2,98	0,004
Sofrimento Físico e Imagem Corporal	2,43 (1,03)	2,74 (1,12)	2,02 (0,75)	3,28	0,002
	2,08 (1,12)	2,63 (1,14)	1,36 (0,58)	6,60	<0,001

Na Tabela 3 encontram-se as médias, desvios-padrões e comparações entre os grupos relativamente aos sintomas emocionais negativos, não tendo sido encontradas diferenças significativas.

Tabela 3

Médias, desvios-padrão e comparações entre os grupos relativamente aos Sintomas emocionais negativos

	Total	Tipo de Parentalidade			
		Biológica	Adotiva		
Sintomas Emocionais Negativos	***M (DP)***	***M (DP)***	***M (DP)***	***t***	***p***
Depressão	2,43 (3,13)	2,60 (3,15)	2,21 (3,14)	0,53	0,60
Ansiedade	2,84 (3,37)	3,43 (3,50)	2,09 (3,07)	1,72	0,09
Stresse	6,33 (4,10)	6,61 (4,19)	5,97 (4,01)	0,66	0,51

A Tabela 4 apresenta as correlações entre as variáveis sociodemográficas e as motivações para a parentalidade dos futuros pais biológicos.

A motivação *Realização Pessoal* mostrou correlacionar-se negativamente com a idade dos futuros pais biológicos (r = -0,035), sendo que quanto maior a idade menos valorizada foi esta dimensão positiva.

Tabela 4

Correlações entre as variáveis sociodemográficas e as Motivações para a Parentalidade dos futuros pais biológicos

	Idade	**Anos de escolaridade**	**Anos de Casamento/União de Facto**
MP Aspetos Socioeconómicos	-0,29	-0,22	-0,10
MP Realização Pessoal	-,035*	-0,24	-0,21
MP Continuidade Pessoal	<-0,01	-0,27	0,03
MP Relacionamento Conjugal	-0,27	-0,14	-0,15
MN Encargos e Imaturidade Parental	-0,03	-0,05	-0,23
MN Preocupações sociais e Ecológicas	-0,04	-0,01	-0,14
MN Tensão Conjugal	0,03	0,16	-0,18
MN Problemas financeiros	-0,11	-0,05	-0,10
MN Sofrimento físico e Imagem Corporal	-0,12	-0,05	-0,30

Notas: MP = Motivações Positivas; MN = Motivações Negativas; $^{*}p < 0,05$

Na Tabela 5 são reportadas as correlações entre as variáveis sociodemográficas e as motivações para a parentalidade dos futuros pais adotivos.

Tabela 5

Correlações entre as variáveis sociodemográficas e as Motivações para a Parentalidade dos futuros pais adotivos

	Idade	**Anos de escolaridade**	**Anos de Casamento/União de Facto**
MP Aspetos Socioeconómicos	-0,02	-0,08	-0,23
MP Realização Pessoal	0,14	-0,25	0,01
MP Continuidade Pessoal	0,38*	-0,08	0,23
MP Relacionamento Conjugal	-0,13	-0,13	0,06
MN Encargos e Imaturidade Parental	-0,12	0,37*	-0,22
MN Preocupações sociais e Ecológicas	0,25	0,1	0,22
MN Tensão Conjugal	-0,17	0,31	-0,36
MN Problemas financeiros	0,07	0,32	-0,12
MN Sofrimento físico e Imagem Corporal	-0,10	0,26	-0,33

Notas: MP = Motivações Positivas; MN = Motivações Negativas; $^{*}p < 0,05$

A motivação *Continuidade Pessoal* correlacionou-se positivamente com a idade dos futuros pais adotivos ($r = 0,38$), sendo que quanto maior a idade dos participantes mais estes valorizaram esta dimensão positiva. A motivação *Encargos e Imaturidade Parental* mostrou correlacionar-se positivamente com os anos de escolaridade neste mesmo grupo ($r = 0,37$), sendo que quanto mais anos de escolaridade mais os futuros pais adotivos valorizaram esta dimensão negativa.

Discussão e Conclusão

A presente investigação teve como principal objetivo explorar e sistematizar as motivações para a parentalidade de indivíduos que se encontram candidatos a adoção para se tornarem pais, comparando-as com as motivações dos indivíduos que estão prestes a concretizar a parentalidade biológica. Por outro lado, teve ainda como objetivo verificar se existem diferenças no que diz respeito aos sintomas emocionais negativos

experienciados entre estes dois grupos que se encontram em período de espera gestacional ou período avaliativo de espera dos candidatos.

As diferenças na média de idades entre futuros pais biológicos e futuros pais adotivos, bem como ao nível dos anos de escolaridade e da situação profissional, vêm confirmar a tendência para candidatos à adoção mais velhos, com carreiras mais estabelecidas e maior segurança financeira (Brodzinsky & Pinderhughes 2002). Como possíveis fatores explicativos deste adiamento da parentalidade podemos considerar questões relacionadas com problemas de fertilidade (Magalhães, 2014; Costa, 2013; Amim & Menandro, 2007), atual conjuntura socioeconómica, papel crescente da mulher no mercado de trabalho e maior investimento nos estudos e na carreira profissional (Gonçalves, 2016; Martins, 2013). Também nos anos de escolaridade e na situação profissional foram encontradas diferenças entre os grupos, ainda que pouco expressivas, indo, no entanto, de encontro aos achados na literatura (Brodzinsky & Pinderhughes 2002).

Relativamente às Motivações para a Parentalidade, verificou-se que, ao nível das motivações positivas, quer a amostra total, quer os dois grupos analisados, consideraram que as gratificações intrínsecas inerentes a ter um filho são a motivação mais importante para a parentalidade, tendo valorizado mais a motivação *Realização Pessoal.* Tal resultado vai de encontro às conclusões de Frejka, Sobotka, Hoem e Toulemon (2008) de que a parentalidade tem sido cada vez menos considerada como um dever perante a sociedade e mais frequentemente como uma forma de preenchimento pessoal e extensão do próprio. Riley e Van Vlett (2012), no entanto, afirmam que, embora se considere a adoção como uma escolha, na verdade ela está imersa em crenças sociais e culturais, bem como transações económicas e realidades políticas.

Como segundas motivações mais expressivas na amostra total verificaram-se a *Continuidade Pessoal* e o *Relacionamento Conjugal*¸ pela ordem apresentada. Quanto aos resultados por grupo, os futuros pais biológicos sobrepuseram a motivação *Relacionamento Conjugal* à *Continuidade Pessoal* e os futuros pais adotivos preferiram a motivação *Continuidade Pessoal.* Estes resultados estão em consonância com o que é descrito pela literatura, que identifica o desejo de continuidade geracional e de elevação e desenvolvimento da relação conjugal como uma das motivações mais fortes para a maternidade (Cassidy & Sintrovani, 2008), concluindo ainda que a parentalidade pode ser encarada como uma forma de fortalecimento da relação do casal (Guedes, Carvalho & Canavarro 2011). Para além disso, os resultados da presente investigação reforçam a ideia de que os candidatos à adoção estando, regra geral, casados há mais tempo, possuem

uma maior estabilidade conjugal e maior satisfação de casal (Brodzinsky, 1987; Levy-Shiff, Goldshmidt & Har-Even, 1991).

A motivação *Aspetos Socioeconómicos* surgiu como menos valorizada pela amostra total, bem como pelos grupos em análise, corroborando uma vez mais as conclusões de Frejka e colaboradores (2008) de que a parentalidade é cada vez menos considerada um dever perante a sociedade e mais uma decisão pessoal e ponderada.

No que diz respeito às motivações negativas para a parentalidade, quer a amostra total do estudo, quer os dois grupos analisados, demonstraram valorizar mais a motivação *Preocupações Sociais e Ecológicas*. Tal dado sugere que o contexto de insegurança social e ambiental atual exerce impacto no ponto de vista parental. Esta observação poderá relacionar-se com as dificuldades e entraves a nível económico e social experienciados na atualidade, sendo que, segundo Rovei, Genneralli, Lantieri, Casano, Revelli e Massobrio (2010), a situação económica e social tem um impacto considerável na parentalidade.

A motivação *Encargos e Imaturidade Parental* surgiu como segunda motivação mais expressiva, quer na amostra total, quer no grupo dos futuros pais adotivos. Cuidar de uma criança, na conjuntura atual, é um fator de preocupação para os futuros pais. Isto acentua-se mais nos candidatos à adoção, provavelmente pelo processo avaliativo ao qual são sujeitos. Estes dados são consistentes com as observações de Mooradian, Timm, Hock e Jackson (2011) relativamente ao facto de os pais adotivos passarem por um escrutínio público e procedimentos legais que lhes causa insegurança acerca dos seus recursos parentais. Os futuros pais biológicos, por sua vez, atribuíram mais importância à motivação *Problemas Financeiros*. Esta diferença foi estatisticamente significativa, reforçando a ideia de que, regra geral, os candidatos à adoção são detentores de uma situação financeira e profissional mais elevada e estável do que os pais biológicos (Brodzinsky & Pinderhughes 2002).

As motivações negativas menos valorizadas pela amostra total foram *Tensão Conjugal* e *Sofrimento Físico e Imagem Corporal*. Verificou-se que o grupo dos futuros pais biológicos atribuiu menor importância à motivação *Tensão Conjugal* e os futuros pais adotivos à motivação *Sofrimento Físico e Imagem Corporal.* Estes dados poderão ser justificados com o facto de o desejo de ser pai/mãe se sobrepor a estes aspetos, colocando o bem-estar da criança em primeiro lugar (Webber, 1996, citado por Rangel, 2007). As diferenças entre os grupos foram estatisticamente significativas. O facto de os candidatos à adoção serem, tendencialmente, casais com relações mais longas e eventualmente mais

estáveis, e não passarem pelas mudanças físicas associadas ao período gestacional poderão contribuir para estes resultados. De acrescentar que muitas vezes a escolha da adoção sucede a realização de tratamentos médicos de infertilidade mal-sucedidos e que estes constituem elementos que podem acarretar coesão no casal (Peterson, Pirritano, Block, & Schmidt, 2011).

Os resultados desta investigação não reportam diferenças significativas entre os dois grupos em análise, no que diz respeito à sintomatologia emocional negativa, contrariamente ao que é reportado por alguns estudos. Assim, no que diz respeito à *depressão,* Levy-Shiff e colaboradores (1991) afirmaram que os candidatos à adoção tendem a apresentar valores mais baixos, quando comparados com os futuros pais biológicos. Brodzinsky (1987) referiu que o facto de os pais adotivos serem, regra geral, mais velhos, com carreiras profissionais mais desenvolvidas e maior estabilidade financeira é um preditor de menor *stress* associado à vida familiar. Por sua vez, Brodzinsky et al. (1995) verificaram que os casais com problemas de infertilidade tendem a apresentar maiores níveis de ansiedade e depressão.

Ao analisar as correlações entre as variáveis sociodemográficas e as motivações para a parentalidade dos futuros pais biológicos verificou-se que a *Realização Pessoal* se correlacionou negativamente com a idade dos participantes. Tal dado indica que quanto mais velhos os futuros pais biológicos, menos estes valorizam esta motivação positiva para a parentalidade. Embora não tenham sido identificados dados relativos a esta questão na literatura, o facto de, com o avançar da idade, as pessoas tenderem a conseguir ter uma vida mais organizada e estabelecida a nível profissional e conjugal poderá contribuir para que priorizem outros aspetos que não a realização pessoal, podendo esta estar já mais estabelecida.

Quanto ao grupo dos futuros pais adotivos, foi possível verificar que a motivação *Continuidade Pessoal* se correlacionou positivamente com a idade. Tal dado indica que quanto mais velhos os futuros pais adotivos, maior a sua valorização desta motivação positiva para a parentalidade. Tal poderá ser justificado com o período de espera pelo qual os candidatos à adoção têm de passar, podendo este contribuir para uma maior ânsia pela consecução do seu desenvolvimento pessoal e aumento das aspirações de imortalidade. Este dado corrobora as conclusões de Safra (2004) e de Maux e Dutra (2009) acerca da necessidade de dar sentido à própria existência e mais significância à vida. Verificou-se ainda que quanto mais anos de escolaridade, mais os candidatos à adoção valorizaram a motivação *Encargos e Imaturidade Parental*, provavelmente por

possuírem uma maior noção das dificuldades inerentes a cuidar de uma criança. Este resultado é congruente com o estudo de Mainemer, Gilman e Ames (1998) que concluiu que quanto maior a escolaridade dos pais adotivos, mais estes consideram a adoção difícil e têm consciência das suas complexidades.

A presente investigação apresenta algumas limitações que devem ser consideradas em estudos posteriores. O facto de a amostra possuir uma dimensão reduzida e ter integrado essencialmente indivíduos do género feminino não possibilitou realizar análises estatísticas em função do sexo dos participantes e dificulta a generalização dos resultados obtidos. Para além disso, no decorrer da análise dos resultados, sentiu-se falta de dados respeitantes à fertilidade/infertilidade dos sujeitos.

Assim, propõe-se a realização de novas investigações com amostras maiores e uma distribuição dos participantes por sexo mais igualitária. Seria ainda pertinente adicionar ao estudo uma comparação entre participantes candidatos a adoção sem problemas de fertilidade e candidatos cujo recurso a adoção resulta de um diagnóstico de infertilidade, de forma a possibilitar uma melhor interpretação dos resultados. O futuro desenvolvimento de um questionário de motivações para casais com infertilidade poderá ser pertinente, uma vez que a condição de infertilidade, tal como é reportado na literatura, tem influências significativas no bem-estar do indivíduo, pelo que poderá influenciar também as motivações para a parentalidade.

Apesar das limitações acima enumeradas, esta investigação apresenta um contributo relevante para a literatura desta área. Dado que em Portugal ainda são escassos os estudos sobre as motivações para a parentalidade, sobretudo através de uma abordagem multidimensional (i.e. motivações positivas e motivações negativas), este estudo veio contribuir para um maior conhecimento destas em dois grupos cuja trajetória inerente ao alcance da parentalidade é distinta.

Bibliografia

Amim, I., & Menandro, P. (2007). Preferências por características do futuro filho adotivo manifestadas por pretendentes à adoção. *Interação em Psicologia, 11* (2), 241-252.

Barbosa, M. A. (2010). *Comportamentos, ideias e afectos parentais: Relação com os comportamentos das crianças. Estudo exploratório em famílias adoptivas portuguesas* (Tese Mestrado Integrado não publicada). FPCEUP, Porto, Portugal.

Berthoud, C. M. E. (1997). *Filhos do coração*. São Paulo: Cabral Editora Universitária.

Boivin, J., Bunting, L., Collins, J. A., & Nigren, K. G. (2007). International estimates of infertility prevalence and treatment-seeking: Potential need and demand for infertility medical care. *Human Reproduction, 22* (6), 1508-1512. doi: 10.1093/humrep/dem046

Bornstein, M. (Ed.) (1995). *Handbook of parenting*. *Vol. 3: Status and social conditions of parenting*. UK: Hove.

Brodzinsky, D. M. (1987). Adjustment to adoption: A psychosocial perspective. *Clinical Psychology Review, 7* (1), 25-47. doi: 10.1016/0272-7358(87)90003-1

Brodzinsky, D. M., & Pinderhughes, E. (2002). Parenting and child development in adoptive families. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Children and parenting* (Vol. 1, 2nd ed., pp. 279-311). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Brodzinsky, D. M., Lang, R., & Smith, D. W. (1995). Parenting adopted children. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Status and social conditions of parenting* (Vol. 3, pp. 209-232). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Cassidy, T., & Sintrovani, P. (2008). Motives for parenthood, psychosocial factors and health in women undergoing IVF. *Journal of Reproductive and Infant Psychology, 26* (1), 4-17. doi: 10.1080/02646830701691392

Costa, A. (2013). *Vivência da parentalidade na adoção* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Cowan, P. A. (1991). Individual and family life transitions: A proposal for a new definition. In P. A. Cowan & M. Hetherington (Eds.), *Family transitions* (pp. 3-30). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Cutrona, C. E., & Troutman, B. R. (1986). Social support, infant temperament, and parenting self-efficacy: A mediational model of postpartum depression. *Child Development, 6* (57), 1507-1518.

Decreto-Lei n.º 120/98, de 8 de Maio

Decreto-Lei n.º 47344/66, de 25 de Novembro

Decreto-Lei n.º 496/77, de 25 de Novembro

Diniz, J. (1993). *Este meu filho que eu não tive: A adopção e os seus problemas*. Porto: Edições Afrontamento.

Ebrahim, S. G. (2001). Adoção tardia: Altruísmo, maturidade e estabilidade emocional. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 14*(1), 73-80.

Fawcett, J. T. (1983). Perceptions of the value of children: Satisfactions and costs. In A. Bulatao & R. D. Lee (Eds.), *Determinants of fertility in developing countries* (vol. 1, pp. 429-457). New York, NY: Academic Press.

Ferreira, B., Monteiro, L., Fernandes, C., Cardoso, J., Veríssimo, M., & Santos, A. (2014). Percepção de Competência Parental: Exploração de domínio geral de competência e domínios específicos de auto-eficácia, numa amostra de pais e mães portuguesas. *Análise Psicológica, 2*, 145-156. doi: 10.14417/ap.854

Ferreira, S., Pires, A., & Salvaterra, F. (2004). Filho do coração… Adoção e comportamento parental. *Análise Psicológica, 2*, 399-411. doi: 10.14417/ap.200

Figueiredo, B. (2013). *Mães e pais: Envolvimento emocional com o bebé*. Braga: Psiquilíbrios Edições.

Fonte, L. P. (2004). *Novas Famílias – A Monoparentalidade e a Adopção* (Monografia de Psicologia). Maia: Instituto Superior da Maia.

Frejka, T., Sobotka, T., Hoem, J., & Toulemon, L. (2008). Summary and general conclusions: Childbearing trends and policies in Europe. *Demographic Research, 19*, 5-14. doi: 10.4054/DemRes.2008.19.2

Galhardo, A. (2012). *Infertilidade em Portugal: Aspectos psicológicos e estudo de eficácia do Programa Baseado no Mindfulness para a Infertilidade* (Dissertação de Doutoramento). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Gasparini, E. V. R. (2006). *Experiências com casais inférteis que utilizam a medicina reprodutiva: um estudo psicanalítico* (Tese de Doutoramento). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, Brasil.

Gonçalves, S. (2016). *Vinculação em jovens adultos e motivação para a parentalidade* (Dissertação de Mestrado). Universidade Portucalense, Porto, Portugal.

Gondim, A., Crispim, C., Fernandes, F., Rosendo, J., Brito, T., Oliveira, U., & Nakano, T. (2008). Motivação dos pais para a prática da adoção. *Boletim de Psicologia, 58* (129), 161-170.

Guedes, M., Carvalho, P. S., Pires, R., & Canavarro, M. C. (2011). Uma abordagem qualitativa às motivações positivas e negativas para a parentalidade. *Análise Psicológica, 4*, 535 – 551.

Guedes, M., Pereira, M., Pires, R., Carvalho, P., & Canavarro, M. C. (2015). Childbearing motivations scale: Construction of a new measure and its preliminary psychometric properties. *Journal of Child and Family Studies, 24* (1), 180-194. doi: 10.1007/s10826-013-9824-0

Hoffman, L. W., & Hoffman, M. L. (1973). The value of children to parents. In J. T. Fawcett (Eds.), *Psychological perspectives on population* (pp. 19-76). New York, NY: Basic Books.

Holden, G. W. (2010). *Parenting: A dynamic perspective*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Houaiss, A. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Instituto da Segurança Social, I. P. (2016). *Guia prático – Adoção*. Retirado de http://www.seg-social.pt/documents/10152/14984/adocao/eda1d840-7306-49b7-a699-cbfa9d8d604c

Lampic, C., Svanber, A. S., Karlstrom, P., & Tydén, T. (2006). Fertility awareness, intentions concerning childbearing and attitudes towards parenthood among female and male academics. *Human Reprduction, 21* (2), 558-564. doi: 10.1093/humrep/dei367

Langford, C. P., Bowsher, J., Maloney, J. P., & Lillis, P. P. (1997). Social support: A conceptual analysis. *Journal of Advanced Nursing, 1* (25), 95-100.

Lei N.º 31/2003, Publicada no Diário da República N.º 193, I Série - A, de 22 de Agosto de 2003.

Levinzon, G. K. (2004). *Adoção.* São Paulo: Casa do Psicólogo.

Levy-Shiff, R., Goldshmidt, I., & Har-Even, D. (1991). Transition to parenthood in adoptive families. *Developmental Psychology, 27* (1), 131-140. doi: 10.1037/0012-1649.27.1.131

Lopes, M. (2002). Crianças e jovens em risco nos séculos XVIII e XIX. O caso português no contexto europeu. *Revista de História da Sociedade e da Cultura, 2*, 155-184.

Lovisi, G., Milanil, I., Caetano, G., Abelha, L., & Morgado, A. (1996). Suporte social e distúrbios psiquiátricos: Em que base se alicerça a associação? *Informação Psiquiátrica, 2* (15), 65-68.

Magalhães, F. (2014). *A adoção e a sua realidade* (Projeto de licenciatura). Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal.

Mainemer, H., Gilman, L. C., & Ames, E. W. (1998). Parenting stress in families adopting children from Romanian orphanages. *Journal of Family Issues, 19* (2), 164-180. doi:10.1177/019251398019002003

Maldonado, M. T. (1997). *Os caminhos do coração: Pais e filhos adotivos*. São Paulo: Saraiva.

Marôco, J. (2011). Análise Estatística com o SPSS Statistcs (ReportNumb). Pêro Pinheiro.

Martins, C. (2013). *A transição no exercício da parentalidade durante o primeiro ano de vida da criança: Uma teoria explicativa de enfermagem* (Dissertação de Doutoramento). Escola Superior de Enfermagem de Lisboa e Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Maux, A., & Dutra, E. (2009). Do útero à adoção: A experiência de mulheres férteis que adotaram uma criança. *Estudos de Psicologia, 14* (2), 113-121. doi:10.1590/S1413-294X2009000200004

Miall, C. E. (1987). The stigma of adoptive parent status: perceptions of community attitudes toward adoption and the experience of informal social sanctioning. *Family Relations, 36*(1), 34 – 39. doi:10.2307/584644

Miller, W. B, & Pasta, D. J. (2002). The motivational substrate of unintended and unwanted pregnancy. *Journal of Applied Biobehavioral Research, 7*(1), 1-29.

Miller, W. B. (1995). Childbearing motivation and its measurement. *Journal of Biosocial Science, 27*, 473-485. doi: 10.1017/S0021932000023087

Mooradian, J. K., Timm, T. M., Hock, R. M., & Jackson, R. (2011). ‘‘It’s about us’’: Marital adjustment and marital adaptation in couples who adopt children from the child welfare system. *Journal of Family Social Work, 14* (3), 262–280.

Nouri, K., Huber, D., Walch, K., Promberger, R., Buerkle, B., Ott, J., & Tempfer, C. (2014). Fertility awareness among medical and non-medical students: A case-control study. *Reproductive Biology and Endocrinology 12* (94), 1-9. doi: 10.1186/1477-7827-12-94

Oliveira, S., & Próchno, C. (2010). A vinculação afetiva para crianças institucionalizadas à espera de adoção. *Psicologia, Ciência e Profissão, 30,* 62-84.

Pais-Ribeiro, J., Honrado, A., & Leal, I. (2004). Contribuição para o estudo da adaptação portuguesa da Escala de Ansiedade, Depressão e Stress (EADS) de 21 itens de Lovibond e Lovibond. *Psicologia, Saúde & Doenças, 5* (2), 229-239.

Paiva, L.D. (2004). *Adoção: significados e possibilidades*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Palacios, J. (2010). Familias adoptivas. In E. Arranz & A. Oliva (Eds.), *Desarrollo psicológico en las nuevas estructuras familiares* (pp. 51-67). Madrid: Ed. Pirâmide.

Palácios, J., & Sánchez-Sandoval, Y. (2006). Stress in parents of adopted children. *International Journal of Behavioral Development*, *30* (6), 481-487.

Peterson, B. D., Pirritano, M., Block, J. M., & Schmidt, L. (2011). Marital benefit and coping strategies in men and women undergoing unsuccessful fertility treatments over a 5-year period. *Fertility and Sterility, 95*(5), 1759- -1763 e1751. doi: 10.1016/j.fertnstert.2011.01.125

Rangel, B. (2007). Motivações para a adoção: Uma perspetiva da psicologia evolucionista (itálico) (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil.

Reppold, C. T., & Hutz, C. S. (2003). Reflexão social, controle percebido e motivações à adoção: características psicossociais das mães adotivas. *Estudos de Psicologia*, *8*(1), 25-36.

Riley, N. E., & Van Vleet, K. E. (2012). *Making families through adoption*. USA: Sage Publications.

Riley, Nancy E. & Van Vleet, Krista E. (2012). *Making families through adoption*. USA: Sage Publications.

Rovei, V., Genarelli, G., Lantieri, T., Casano, S., Revelli, A., & Massobrio, M. (2010). Family planning, fertility awareness and knowledge about Italian legislation on assisted reproduction among Italian academic students. *Reproductive BioMedicine Online*, *20,* 873-879. doi: 10.1016/j.rbmo.2010.03.024

Safra, G. (2004). *A po-ética na clínica contemporânea*. Aparecida, SP: Idéias & Letras.

Salvaterra, F., & Veríssimo, M. (2008). A adopção: O direito e os afectos. Caracterização das famílias adoptivas do distrito de Lisboa. *Análise Psicológica, 3,* 501-517.

Santos, N. P. F. (1988). As possibilidades de satisfação na adoção. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *4*(2), 113-128.

Schettini, L. (1998). *Compreendendo o filho adotivo.* Recife: Bagaço.

Schettini, L.F. (1998a). *Adoção: Origem, segredo e revelação.* Recife: Bagaço.

Singer, L., Brodzinsky, D., Ramsay, D., Steir, M., & Waters, E. (1985). Mother-infant attachment in adoptive families. *Child Development, 56*, 1543-1551.

Valério, T. (2013). *O filho adotivo não vem de fora, vem de dentro: Um estudo sobre trajetórias de vidas e a construção de significados sobre a decisão de adotar na perspectiva da psicologia cultural semiótica* (Tese de Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil.

Vieira, S. M. (2010). *A experiência da parentalidade adoptiva: Do casal ao singular* (Tese de Mestrado não publicada). Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Weber, L. N. D. (1999). *Aspectos psicológicos da adoção*. Curitiba: Juruá.

Weber, L. N. D. (2002). *Pais e filhos por adoção no Brasil: características, expectativas e sofrimentos.* Curitiba: Juruá Editora.

Woodward, K. (2000). Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual. In T.T. Silva (Org), *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais.* (pp.7-72). Petrópolis: Vozes.